

IMAGENS DO AMOR EM JÚBILO, MEMÓRIA, NOVICIADO DA PAIXÃO, DE HILDA HILST

LOVE IMAGERY IN JÚBILO, MEMÓRIA, NOVICIADO DA PAIXÃO BY HILDA HILST

João Pedro Rodrigues Santosⁱ

 <http://orcid.org/0000-0001-7305-0090>

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma investigação teórico-crítica do livro de poemas *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*, de Hilda Hilst, publicado, pela primeira vez, em 1974. A análise da obra em questão apontou que o eu-lírico da poeta elaborou prolíficas imagens poéticas do amor em seus textos, mostrando, portanto, as belezas e as agruras de um amor (im)possível e não correspondido. Ao mesmo tempo em que este amor se mostra quimérico e inatingível, ele se realiza pela e na poesia. Sobretudo, pode-se afirmar que o verdadeiro sentimento que emana das páginas do livro de Hilst é o amor pela palavra poética.

Palavras-chave: Hilda Hilst; amor; imagens; poesia.

Abstract: *This article presents a theoretical-critical investigation of the poetry book *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*, by Hilda Hilst, first published in 1974. The analysis of the work indicates that the poet's lyrical self crafted prolific poetic images of love, thereby revealing the beauties and hardships of an impossible and unrequited love. While this love appears chimeric and unattainable, it finds fulfillment through and within poetry. Above all, it can be affirmed that the true sentiment emanating from the pages of Hilst's book is the love for the poetic word.*

Keywords: Hilda Hilst; love; images; poetry.

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2026.n1.78838

Recebido em: 13/05/2026

Aprovado em: 14/07/2026

ⁱ Doutor em Letras, na área de História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (2022), Mestre em Letras, na área de Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2017). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0942201506719626>. E-mail: joaopedrorodriguesantos@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Hilda Hilst (1930 – 2004) foi uma de nossas notáveis escritoras do século XX, sua extensa obra abrange livros de poesias, romances, contos e dramaturgia. A literatura de Hilst tem um estilo inconfundível, marcada pelo experimentalismo das formas e pela abordagem de temas como amor, erotismo, misticismo, finitude, entre vários outros. Percebemos também que a autora procura sondar os mistérios da existência, bem como os limites e as intersecções entre sanidade /loucura, vida/morte. Além disso, sem pudores, Hilst descortina os meandros da sexualidade, especialmente focalizando a expressão do erotismo feminino.

Ao longo da presente reflexão, constatamos que as imagens e representações do amor suscitadas pelos poemas que compõem o livro “*Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*” (2018) são passíveis de múltiplas leituras e possuem um caráter de desdobramento epifânico ao longo da obra. A construção imagética da poesia desta autora oferece pequenas revelações diferentes para cada um de seus leitores. À vista disso, a poesia de Hilst traz problemáticas tão complexas quanto a própria condição de existir. Dessa forma, não podemos firmar uma interpretação como definitiva, uma vez que estamos lidando com um texto de construção complexa e polissêmica. O que concatenamos aqui é uma possibilidade interpretativa.

Antes de conceituar propriamente o amor, vamos explanar sobre o conceito de “imagem poética” proposto por Gaston Bachelard (1884-1962). Posteriormente, desvelaremos um recorte teórico de algumas ideias sobre o amor e, desse modo, mostraremos como tais proposições aparecem na obra de Hilst aqui analisada.

Ao longo de sua obra, Gaston Bachelard, filósofo francês, elaborou uma Fenomenologia da Imaginação, por isso, seus conceitos e perspectivas para pensarmos a laboração da imaginação e o processo de criação da poesia são deveras apropriados. Para ele, os poemas são formados a partir de imagens poéticas que permitem ao poeta e ao leitor a possibilidade de devanear, isto é, de sonhar acordado. Na visão do filósofo, o devaneio é o ato de sonhar acordado. Trata-se de um estado de consciência em que a atenção se desvia do ambiente externo para pensamentos, memórias e fantasias internas, é uma divagação da mente propiciada pela poesia.

Segundo o autor, em seu livro *A poética do devaneio*, “Uma das funções do devaneio é liberta-nos dos fardos da vida.” (Bachelard, 2009, p. 70). Dentro dessa ótica, as imagens criadas pelo poeta chegam ao leitor e, então, descortinam um outro universo:

A imagem poética nova – uma simples imagem – torna-se assim, simplesmente, uma origem absoluta, uma origem de consciência. Nas horas de grandes achados, uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo imaginado diante do devaneio de um poeta. A consciência de maravilhamento diante desse mundo criado pelo poeta abre-se com toda ingenuidade (Bachelard, 2009, p. 01).

Nossos sentidos acordam e se harmonizam no devaneio poético. Sinestesicamente, a imaginação literária produz uma espécie de polifonia dos sentidos através das poesias. Com efeito, Bachelard sublinha que o devaneio poético propiciado pela leitura de poemas vai primeiramente do poeta até a página do livro e, de lá, chega ao leitor em um devaneio transmissível que o projeta para um novo mundo, ampliando seu universo imaginativo. Dessa maneira, “O devaneio nos dá o mundo de uma alma, que uma imagem poética testemunha uma alma que descobre o seu mundo, o mundo que ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver.” (Bachelard, 2009, p.15).

É importante lembrar que, na perspectiva bachelardiana, as imagens poéticas são inusitadas, enquanto que as metáforas seguem uma certa lógica linguística. A metáfora é como um armário cheio de gavetas, com cada item no seu devido local. Já as imagens poéticas que certos escritores formulam, permitem ao leitor experimentar uma ampliação de seus horizontes, desorganizando a ordem das coisas. Assim, através da imagem, ocorre uma experiência imersiva nas profundezas do repertório do poeta que se comunicam com os devaneios mais íntimos do leitor.

As imagens poéticas que um escritor suscita no leitor, que realiza a leitura de seus poemas, podem advir de simples objetos. A poesia torna poético o que é prosaico e cotidiano. Um artefato desprezível, num poema, não é mais um simples objeto: “Nem todos os objetos do mundo estão disponíveis para devaneios poéticos. Mas, assim que um poeta escolheu o seu objeto, o próprio objeto muda de ser. É promovido à condição de poético.” (Bachelard, 2009, p.148).

Cabe, ainda, ressaltar que para a imaginação, dentro da perspectiva bachelardiana, efetuar-se, uma imagem poética deve suscitar outra imagem poética e, assim, sucessivamente. Desse modo, as imagens ressoam e reverberam no poeta e no leitor através da poesia. Nas palavras do autor:

Ah, os livros também têm seus próprios devaneios! Cada um deles tem uma tonalidade de devaneio, pois todo devaneio tem uma tonalidade particular. Se com tanta frequência desconhecemos a individualidade de um devaneio, é porque decidimos considerá-lo como um estado psíquico confuso. Mas os livros que sonham corrigem esse erro. Os livros são, portanto, nossos verdadeiros mestres no sonhar. Sem uma

total simpatia de leitura, por que ler? Mas, quando entramos realmente no devaneio do livro, como parar de ler? (Bachelard, 2009, p. 200).

A leitura do livro de poemas de Hilda Hilst, que é o nosso objeto de análise, fala de um sentimento tão antigo e debatido desde o princípio dos princípios: o amor. Os devaneios do livro “*Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*” (2018) são os devaneios do amor, da paixão, do erotismo, dos sentimentos e percalços amorosos. E, ao mesmo tempo, do amor como fonte de inspiração para a poesia. Deter-nos-emos, portanto, nessas questões na seção subsequente.

2 IMAGENS POÉTICA DO AMOR EM *JÚBILO, MEMÓRIA, NOVICIADO DA PAIXÃO*

Começamos nossa exegese do livro pela investigação de seu título: *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*. Como estamos tratando de literatura, sabemos que tudo pode ter mais de uma possibilidade de sentido e significação. Por conseguinte, primeiramente, vamos analisar a etimologia das palavras que constituem o título. Conforme o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2009), “júbilo” significa alegria extrema, grande contentamento, jubilação, regozijo, estado em que há grande satisfação ou contentamento. O substantivo “memória” refere-se à faculdade pela qual a mente humana conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço. “Noviciado”, por sua vez, é o período da formação de um religioso ou de uma religiosa que precede a emissão de seus votos.

Dessa forma, podemos compreender “noviciado da paixão” como uma espécie de começo, isto é, de início ao universo místico/transcendental da paixão e do amor. Como veremos adiante, há uma espécie de fusão entre o divino e o humano nos poemas de Hilda Hilst. O título, portanto, sugere um grande contentamento, ou seja, o júbilo, de iniciar o seu amado, que o eu-lírico busca alcançar através de suas memórias, em uma história de amor. Mesmo que esse amor não seja recíproco e nunca se realize de fato.

Se nos atermos à biografia de Hilda Hilst, inferimos que a autora, ao intitular seu livro, codifica o nome de um homem que amou profundamente e nunca pode tê-lo: “*Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*” é uma espécie de jogo de palavras que remetem ao nome de Júlio de Mesquita Neto, antigo dono do jornal O Estado de S. Paulo. Conforme Laura Folgueira e Luisa Destri, no livro *Eu e não outra: A vida intensa de Hilda Hilst* (2018), Hilst manteve uma paixão avassaladora e nunca correspondida pelo jornalista. Segundo as pesquisadoras:

Em uma das cartas endereçadas a Júlio, Hilda conta como escolheu o título para seu livro de poemas. *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão* traz as iniciais de Júlio Mesquita Neto. Os poemas são dedicados a M. N. – “Se eu colocasse J. M. N. todo mundo ia desconfiar, e assim vão pensa que é um Mário Neves qualquer”, argumenta (Folgueira, Destri, 2018, p.109).

As autoras enfatizam, também, que no livro em questão “[...] podem ser encontradas muitas referências biográficas aos amores vividos por Hilda até então.” (Folgueira, Destri, 2018, p. 100).

Ao mesmo tempo em que essas referências estão presentes nos poemas, entendemos que a obra ultrapassa as memórias biográficas da autora, porque seu eu-lírico transmuta o que é real em arte, pois, como explica Bachelard: “Ao reexaminar com um olhar novo as imagens fielmente amadas, tão solidamente fixadas na minha memória que já não sei se estou a recordar ou imaginar quando as reencontro em meus devaneios.” (Bachelard, 2009, p. 2). Nunca devemos ignorar que a memória humana é traiçoeira e seletiva e, acima de tudo, memória e imaginação com frequência aparecem amalgamadas na arte da palavra.

“Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão” (2018) é composto por sete¹ capítulos/cantos, são eles: “Dez chamamentos ao amigo”; “O poeta inventa viagem, retorno, e sofre de saudade”; “Moderato Cantabile”, “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio”; “Prelúdios-Intensos para os desmemoriados do amor”; “Árias pequenas. Para Bandolim”; “Poemas aos homens do nosso tempo”.

Verifica-se, ao longo da obra, uma considerável influência das Cantigas de Amor e das Cantigas de Amigo que remontam ao Trovadorismo Português, período literário embrionário, ocorrido, segundo Moisés (1997), entre os séculos XII-XIV. No entanto, Hilda Hilst subverte a lógica das Cantigas, pois seu eu-lírico é uma mulher que se dirige ao amado que é inatingível. Nas cantigas tradicionais, o trovador é um homem que se dirige à donzela impossível. Também, podemos detectar na poesia dessa escritora a influência da poeta portuguesa Florbela Espanca. A lusitana em questão, tal como Hilst, foi umas das autoras que mais belamente escreveu sobre o amor em suas poesias.

Faremos, agora, uma breve síntese de como o amor foi entendido ao longo do tempo e, posteriormente, nos debruçaremos sobre alguns trechos de “Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão” (2018), evidenciando as construções poéticas do amor que são desencadeadas pela leitura. Não esqueçamos o que disse Antonio Candido, em sua *Formação da Literatura*

¹ Não por acaso, o livro tem sete capítulos. Sete é um número místico por excelência, portanto, no contexto dos poemas, o sete reforça o caráter ascensional da obra.

Brasileira (2006): “É preciso sentir, por vezes, que um autor e uma obra podem ser e não ser alguma coisa, sendo duas coisas opostas simultaneamente - porque as obras vivas constituem uma tensão incessante entre os contrastes do espírito e da sensibilidade.” (Candido, 2006, p.32). O que Candido postula serve como uma chave de compreensão à obra de Hilst, é preciso entender os contrários e as ambiguidades para fazer parte do universo de seus poemas. Por isso, “[...] quem quiser ver em profundidade tem de aceitar o contraditório porque, segundo uma frase justa, ele é o próprio nervo da vida. (Candido, 2006, p.32). Assim, é preciso “[...] ver simples onde é complexo, tentando demonstrar que o contraditório é harmônico.” (Candido, 2006, p.32).

Notoriamente, desde a Antiguidade Clássica, a cultura grega criou e fixou vários paradigmas e mitos que ressoaram em nossa civilização ao longo dos tempos, alguns deles persistindo até a contemporaneidade. Segundo a Cosmogonia Grega, no princípio era o Caos, que significava o vazio absoluto, o nada anterior à criação. Conforme os pressupostos de Junito de Sousa Brandão, em *Mitologia Grega* (1986), do Caos grego, dotado de grande energia produtiva, saíram Gaia, Tártaro e Eros.

Gaia é a Terra, Tártaro é o que está embaixo da Terra, entranhado nas profundezas, e Eros é a personificação do amor e da própria vida. Ulteriormente, Caos gerou também Érebo, Nix, Éter e Hemera. Eros é o deus do amor, conforme a *Teogonia* (2015), de Hesíodo, ele é um deus primordial.

Em outras versões do mito, Eros é filho de Afrodite. Além de ser o mais belo entre todos os deuses e todos os homens, ele controla o espírito e a vontade. Independentemente das variações ocorridas com o mito de Eros, encontra-se o deus representado sempre como uma força fundamental que garante a perpetuação dos seres e a coesão do universo. A vida acontece porque Eros existe, explica Brandão (1986).

Para Brandão (1986), com o passar do tempo, a imagem de Eros ganhou vários contornos até se tornar a figura, perpetuada em nosso imaginário, do menino travesso e desajeitado que, com sua flecha, lança os humanos nas mais incríveis paixões. Essa também é a representação de Cupido. No imaginário ocidental, em certos contextos, o arco, a flecha, as tochas e os olhos vendados simbolizam o amor. Segundo o autor, observa-se dois sentidos para Eros: a união dos opostos e, contraditoriamente, o sentido desagregador. Nesta primeira concepção, o amor é uma força que impulsiona e concretiza várias realizações da existência. Eros trabalha como amplificador das qualidades dos seres, mas isso só se efetiva através do contato com o outro. Este deus almeja a uma união, a uma superação das diferenças, buscando

uma ascensão. Desse modo, ele concilia os opostos numa unidade que sintetize todas as potencialidades de elevação e progresso.

Já o Eros desagregador, ao invés de se tornar o centro unificador, converte-se em princípio de divisão e morte. Ao contrário da busca por elevação, nota-se aqui a destruição do outro de maneira egoísta. Isto é, um dos envolvidos na relação amorosa, por enclausurar-se em si mesmo, considera-se o todo e não uma das partes da união.

Na filosofia grega, reportamo-nos a uma das noções de amor que aparecem nas ideias de Platão. Em *O banquete* (2018), supõe-se o dualismo no interior do ser humano. Essa ideia é expressa através do mito do homem andrógino: ser composto dos dois gêneros, masculino e feminino. Nessa perspectiva, cada ser humano seria o fruto da cisão no seio de uma união primitiva, estado de perfeição que foi perdido quando os homens ameaçaram os deuses. A divisão levou ao enfraquecimento e a uma constante busca da sua metade faltante. Então, segundo tal concepção, daí se teria originado o que hoje chamamos de amor. Ou seja, o que as criaturas sentem umas pelas outras e buscam umas nas outras. Esse sentimento almeja recompor a antiga natureza perdida, procurando de dois fazer um só e, assim, resgatar a perfeição do passado.

Antes, segundo Platão (2018), havia três sexos: o masculino, o feminino e o andrógino, composto por seres duplos. Esses últimos eram fortes, inteligentes e ameaçavam os deuses. Para submetê-los, Zeus decidiu dividi-los. Desde então, as metades separadas andam eternamente em busca de sua parte complementar.

Octavio Paz, em *A dupla chama: amor e erotismo* (1993), remonta a história do amor entre homem e mulher², percorrendo sobre a história do amor no Ocidente, mas fazendo paralelos com o Oriente. Para Paz (1993), a história e a filosofia do amor no Ocidente concretizaram-se principalmente sobre duas correntes: o amor proposto a partir das ideias de Platão e o amor Cristão.

O autor explica que, na cultura ocidental, num primeiro momento, o amor tomou forma como um sentimento anterior à religião, algo distante e exterior ao sentimento religioso. Pode-se dizer que o amor, à princípio, foi contrário ao pensamento religioso. Paz desvela que o amor dentro dos primeiros conceitos filosóficos era qualificado como à frente, fora ou até contra a religião por ser oriundo do Platonismo, linha de pensamento que tratava o amor como algo ligado ao desejo e à satisfação pessoal. Não há sacrifícios e renúncias dentro do conceito de

² De fato, nota-se que Paz não faz nenhuma consideração sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo. Atualmente, já temos obras historiográficas que tratam dessa questão.



amor sugerido por Platão, o amor, dentro dessa ótica, é uma fonte de prazeres para a alma. Por conseguinte, esse modo de compreender o amor entra diretamente em discordância com o excesso de virtude e com as limitações que a religião impunha.

Segundo Paz (1993), embora a ideia do amor exista em todas as sociedades, ela não é idêntica no Oriente e no Ocidente. Como exemplo, ele sublinha que no Ocidente o amor está ligado à noção de destino. Tal concepção está relacionada a uma proposição de alma individual que não é a mesma interpretação de alma do Budismo, do Hinduísmo e do Taoísmo etc. No Oriente, a concepção de amor está mais próxima da religião, enquanto no Ocidente está mais próxima da filosofia. Octavio Paz (1993), em seu livro, nos convence do caráter historicamente subversivo do amor que, contrariando a tradição, de certo modo, enobreceu o corpo.

O amor scandalizou os cristãos pelo fato de se colocar numa criatura humana o que é próprio da divindade. No amor, buscamos o eterno no que é perecível: o amor é uma espécie de blasfêmia para a igreja, ele é subversivo diante da religião. Na sequência, Paz fala que “O amor ocidental é o filho da filosofia e do sentimento poético que transfigura em imagem tudo o que toca. Por isso, para nós, o amor tem sido um culto.” (Paz, 1993, p.40). O autor explana, também, que não é estranho que a filosofia do amor tenha surgido na Grécia, pois lá, de certo modo, o pensamento libertou-se da religião: “[...] o pensamento grego começou com a crítica dos filósofos pré-socráticos aos mitos. Os profetas hebreus criticaram a sociedade com base na religião; e os pensadores gregos criticaram os deuses com base na razão.” (Paz, 1993, p. 40). Essa atitude de humanizar o que é divino na figura do amado é encontrada em “*Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*” (2018), como mostra o trecho seguinte:

I
É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas
Voz e vento apenas
Das coisas do lá fora

E sozinha supor
Que se estivesses dentro

Essa voz impotente e esse vento
Das ramagens de fora

Eu jamais ouviria. Atento
Meu ouvido escutaria
O sumo do teu canto. Que não venhas, Dionísio.
Porque é melhor sonhar tua rudeza
E sorver reconquista a cada noite
Pensando: amanhã sim, virá.
E o tempo de amanhã será riqueza:
A cada noite, eu Ariana, preparando
Aroma e corpo. E o verso a cada noite

Se fazendo de cada ausência.

II

Porque tu sabes que é de poesia
Minha vida secreta. Tu sabes, Dionísio,
Que a teu lado te amando,
Antes de ser mulher, sou inteira poeta.
E que o teu corpo existe porque o meu
Sempre existiu cantando. Meu corpo, Dionísio,
É que move o grande corpo eu.

Ainda que tu me vejas extrema e suplicante
Quando amanhece e me dizes adeus.

(Hilst, 2018, p.256-257)

Nas estrofes transcritas acima, notamos uma espécie de deificação do ser amado, que é equiparado ao deus Dionísio da Mitologia Grega. Assim, o eu-lírico oferece imagens poéticas que mostram a dedicação e a sujeição ao ser amado. Além disso, nota-se uma discussão metalinguística, visto que cada ausência do ser amado é motivo de criação de um verso por parte do eu-lírico de Hilst. Evidentemente, a ausência do ser amado produz arte. Dionísio é o deus do vinho, da loucura, dos excessos, da alternância entre as estações do ano, das relações entre o corpo e a alma, da mescla entre o divino e o profano, da embriaguez, dos mistérios e das orgias (Brandão, 1986). Desse modo, no fragmento acima, Dionísio simboliza a fusão entre o amor e o desejo sentido pelo eu-lírico. No final do excerto, o eu-lírico já não demonstra submissão e servidão, portanto, aí estão os contrários referidos por Candido (2006), que, na obra de Hilst, são recorrentes.

O autor defende que Platão é o fundador do pensamento filosófico sobre o amor, sendo que o amor e a poesia seriam então inseparáveis:

Tampouco é estranho que o primeiro filósofo do amor, Platão, tenha sido também um poeta: a história da poesia é inseparável da do amor. Por tudo isso, Platão é o fundador da nossa filosofia do amor. Sua influência ainda dura, sobretudo por sua ideia da alma: sem ela não existiria a nossa filosofia do amor, ou então esta teria tido uma formulação muito diferente e difícil de imaginar (Paz, 1994, p. 40).

Retomando *O banquete*, Octavio Paz (1993) reitera o mito do andrógino original que explicaria um comportamento cultural que repercute fortemente no Ocidente: o de que somos incompletos, de que devemos ter um desejo amoroso e uma sensação de “sede” eterna. Esse mito, junto com a história de que Eva nasceu de uma costela de Adão, nos dão um resumo do amor ocidental. Entretanto, segundo Paz, o amor não existe sem uma certa liberdade feminina.

O autor é enfático ao afirmar que a manifestação do amor é indissociável da expressão da libertação da mulher.

Em suma, não há amor sem liberdade feminina. Desse modo, aos poucos, as mulheres foram ganhando espaço nas obras literárias gregas, como nos poemas de Catulo, depois na poesia latina com Virgílio, Horácio, etc. Por isso, desde o início, os grandes períodos do amor coincidiram com uma liberdade da mulher ou com a sua rebelião. Afinal de contas, Isolda se rebelou, Julieta também (Paz, 1993). Hilst faz uso dos ecos dessa liberdade feminina ao recriar as Cantigas Trovadorescas colocando, subversivamente, a mulher na posição de trovadora que se dirige ao amante.

Na visão do autor, a influência árabe foi fundamental para a concepção cortês do amor. Os Emires da Espanha muçulmana abertamente se declaravam servos de suas amadas, isso influenciou os poetas de Provença que passaram a chamar as damas da corte de Senhoras, colocando-as em um patamar superior e invertendo a ordem social estabelecida. Assim, o amor é por sua própria natureza, como já foi enfatizado, subversivo, sendo diretamente dependente da evolução da condição feminina. Não é de estranhar que durante séculos a igreja e o estado tenham sido seus inimigos: “A masculinização do tratamento das damas tendia a destacar a alteração da hierarquia dos sexos: a mulher ocupava a posição superior e o amante a do vassalo. O amor é subversivo.” (Paz, 1994, p.74).

Para Octavio Paz, o amor é praticamente indissociável do erotismo, pois ambos estão fundados na união do corpo e do espírito. Pela alma o erotismo se transforma em amor, pelo corpo o amor se erotiza, e, assim, os dois se retroalimentam. Essa troca entre amor e erotismo pode ser observada no seguinte excerto:

IV

Minha medida? Amor.
E a tua boca na minha
Imerecida.

Minha vergonha? O verso
Ardente. E o meu rosto
Reverso de quem sonha.

Meu chamamento? Sagitário
Ao meu lado
Enlaçado ao touro.

Minha riqueza? Procura
Obstinada, tua presença
Em tudo: julho agosto
Zodíaco antevisto, página
Ilustrada de revista

Editorial, jornal
Teia cindida.

Em cada canto da Casa
Evidência veemente
Do teu rosto

(Hilst, 2018, p. 232-233).

No trecho supracitado, temos imagens poéticas da fusão entre alma e corpo, espírito e matéria, amor e erotismo.

Na perspectiva de Paz, a recorrência das representações do amor na poesia e na ficção conecta-se a casos que aludem ao sentimento amoroso como algo que se dá em condições avessas, difíceis, inapropriadas e dificultosas:

Desde a dama dos trovadores, encarnação da distância – geográfica, social ou espiritual, - o amor tem sido contínuo e simultaneamente interdição e infração, impedimento e contravenção. Todos os casais, tanto os dos poemas e dos romances como os do teatro e do cinema, deparam-se com esta ou aquela proibição e todos, com sorte desigual, normalmente trágica, a violam. No passado, o obstáculo foi, sobretudo, de ordem social (Paz, 1993, p. 119).

Essa impossibilidade latente que explana Paz é o mote do livro de Hilda Hilst sobre o qual discorreremos. Nos poemas, ficam evidentes, sobretudo, os impedimentos e obstáculos decorrentes do amado não corresponder ao amor do eu-lírico. E, também, pelo fato de o amado já ser casado com outra mulher, como mostram as seguintes passagens:

VI
Como que semeia, rigoroso, os cardos
Sobre a areia, sem ver a mulher à beira-mar
Tu, meu amigo, tens os olhos fixos
De límpida vigília, e nem me vês passar.
E ficarás assim, para sempre
Como se as águas estanques de uma tarde
Jamais sonhassem a aventura do mar.
E ficarás assim, para sempre
Como se o oceano se obrigasse
A contornar apenas uma certa ilha

E eu

Faminta me desobrigasse
Da minha própria água primitiva.

Como quem semeia, rigoroso, os cardos
Sobre a areia, hei de ficar exata e coerente
Construindo o meu verso, até que a morte
Me descubra um dia, provavelmente

Como quem passeia.

(Hilst, 2018, p. 242)

Nos versos supracitados, a poeta utiliza os elementos da água e da terra para criar imagens poéticas que simbolizam a impossibilidade da realização do amor tendo em vista que o homem amado não corresponde ao amor do eu-lírico. O amado inatingível funciona como uma analogia à imagem do mar, como se o mar tivesse sido obrigado a contornar apenas uma certa ilha. A ilha em questão representa o eu-lírico que nunca é visto e sempre é contornado pelo mar.

Nos versos que compõem a seguinte estrofe, a impossibilidade é evidente pelo fato do homem que o eu-lírico de Hilst deseja já ser casado e comprometido com outra mulher:

IX
Debruça-te sobre a tua casa e a tua mulher
E pergunta no mais fundo de ti, no teu abismo,
Se é maior o teu espaço de amor, ou maiores
Que o céu esses rigores, a ti te proibindo
Tua amiga incorporada ao teu próprio destino.
Do máximo do mínimo e a meu favor
(Não me louvado a mim o raciocínio)
Ressurgiria um conceito didático, exemplar:
De que não cabe medida se se trata
Dessa coisa incontida que é o amor.
O coração amante se dilata. O preconceito?
Um punhado de sal num mar de águas.

(Hilst, 2018, p. 244)

A água é evocada através da imagem poética do mar. A possibilidade do adultério, na visão do eu-lírico, nada mais é do que um punhado de sal no mar, ou seja, nada significa e nada altera.

Paz argumenta que na antiguidade greco-romana o amor era visto frequentemente como uma espécie de paixão dolorosa, mas que merecia e precisava ser vivida, indo, então, ao encontro do que apregoa o eu-lírico de Hilst. O amor, de fato, apesar dos pesares, era desejado. Essa premissa, segundo Paz, persiste até os nossos dias e responde a uma necessidade arraigada nos seres humanos. Assim sendo, o “[...] mito do andrógino é uma realidade psicológica: todos homens e mulheres, buscamos nossa metade perdida.” (Paz, 1993, p. 69). O autor afirma não ser possível não encontrar uma cultura em que o argumento central de muitas narrativas e poemas não seja o encontro amoroso de duas pessoas, a atração que sentem mutuamente e os obstáculos que devem atravessar para a concretização desse amor.

O autor também desvela que muitos poemas e textos religiosos orientais comparam o prazer sexual com o deleite místico e com a beatitude da união com a divindade. Em nosso mundo ocidental é mais difícil encontrarmos essa fusão entre o sexual e o espiritual. No entanto, no livro de Hilda Hilst, em vários momentos, essa união é sugerida. Nesse sentido, o livro faz brotar um movimento místico e ascensional do amor rumo ao divino.

Deleuze, na obra *Proust e os signos* (2010), fala sobre os principais signos presentes em *Em busca do tempo perdido*, sendo o amor um dos signos principais da *recherche* de Proust. Na visão desse autor, o amor está vinculado à relação entre o amante e o ser amado, portanto, existe por parte dos amantes uma observação atenta ao outro e um desejo de buscar verdades por trás daquela outra vida amada, sem que necessariamente exista reciprocidade entre os dois envolvidos. Transcrevemos o seguinte excerto do texto de Deleuze, pois ele dialoga com a busca que o eu-lírico de Hilst efetua:

Apaixonar-se é individualizar alguém pelos signos que traz consigo ou emite. É tornar-se sensível a esses signos, apreendê-los. É possível que a amizade se nutra da observação e de conversa, mas o amor nasce e se alimenta de uma interpretação silenciosa. O ser amado aparece como um signo, uma ‘alma’: exprime um mundo possível, desconhecido de nós. O amado implica, envolve, aprisiona um mundo que é preciso decifrar, isto é, interpretar. Trata-se mesmo de uma pluralidade de mundos: o pluralismo do amor não diz respeito apenas à multiplicidade das almas ou dos mundos contidos em cada um deles. Amar é procurar explicar, desenvolver esses mundos desconhecidos que permanecem envolvidos no amado (Deleuze, 2006, p. 07).

Essa busca por tentar desvendar e entender o ser amado de que fala Deleuze vai ao encontro de vários trechos do livro de Hilda Hilst, como no seguinte exemplo:

IV
E quanto mais te penso, de si mesma
Se encanta a minha ideia. Vertiginosa
E tensa como a flecha, contente de ser viva

Te procura

Sagitário algoz, homem-amor, teu nome
Que é preciso esconder do meu poema
Te chamarás, quem sabe, Rufus, Antônio
Se outros olhos se abrirem sobre o verso.
A justiça dos homens, essa trama imprecisa
Me puniria a mim, me chamaria ilícita
Se o verso se mostrasse com o teu nome

A ideia, Túlio, essa ilha escondida
É límpida, encantada, se faz prata
Vive através de ti. Por isso brilha.

(Hilst, 2018, p. 252-253).

No fragmento acima, temos aclarada a busca que o eu-lírico efetua procurando por compreensão e entendimento do ser amado. Ademais, fica evidente a releitura da poesia trovadoresca realizada por Hilst. Tal como nas Cantigas do Trovadorismo, o nome real do amado não pode ser mencionado e revelado porque, igual as cantigas, o ser amado já é casado e comprometido.

Paz (1993) afirma que um tema constante de todos os grandes poetas e romancistas através dos séculos tem sido a busca da pessoa amada e seu respectivo reconhecimento. Esse reconhecimento implica uma confissão, isto é, a dependência ou a vassalagem em que se está em relação ao ser amado. Paradoxalmente, esse reconhecimento é feito voluntariamente, pois, quando amamos, confessamos que estamos diante de um mistério palpável que é outro ser humano. Essa ambivalência reside “[...] no mistério da pessoa que, sem nunca saber exatamente a razão, se sente invencivelmente atraída por outra pessoa, excluindo as demais.” (Paz, 1994, p.113). A ambiguidade paradoxal que implica amar alguém é percebida nas imagens poéticas elencadas nos poemas que mostramos aqui e em todo o livro. Durante os sete cantos, o eu-lírico hesita entre a entrega e a submissão e, ao mesmo tempo, tem consciência e liberdade para escolher ou não essa entrega.

Ademais, podemos afirmar que o livro aqui estudado tem um enquadramento metalinguístico em que a poesia aparece como uma forma de salvação ascensional do eu-lírico. Do primeiro ao sétimo capítulo, aos poucos, o eu-lírico abre suas asas e levanta voo. O amor já não precisa mais ser correspondido, nem concretizado, o amor tem que ser cantado através da mais portentosa poesia, o que Hilst faz com maestria.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, encerramos esta reflexão com uma passagem de *A poética do devaneio* (2009) que, em nossa perspectiva, serve como uma espécie de síntese para “*Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*” (2018), a saber:

Ainda existem almas para as quais o amor é o contato de duas poesias, a fusão de dois devaneios. O romance por cartas exprime o amor numa bela emulação das imagens e das metáforas. Para dizer um amor, é preciso escrever. Nunca se escreve demais. Quantos amantes não correm a abrir o tinteiro mal chegam de seus encontros amorosos! O amor nunca termina de exprimir-se e se exprime tanto melhor quanto mais poeticamente é sonhado. Os devaneios de duas almas solitárias preparam a doçura de amar. Um realista da paixão verá aí apenas fórmulas evanescentes. Mas não

é menos verdade que as grandes paixões se preparam em grandes devaneios. Mutilamos a realidade do amor quando a separamos de toda a sua irrealidade (Bachelard, 2009, p. 08).

O eu-lírico de Hilda Hilst não se priva de escrever sobre o ser amado, sem deixar de levar em conta as (im)possibilidades de concretização de tal amor. Ao mesmo tempo, o amor pela palavra poética e a paixão pela poesia servem de consolo para o eu-lírico, porque Hilst, acima de tudo, ama a poesia. E tal sentimento pela poesia, faz com que Hilst produza imagens poéticas em um devaneio onírico que vai da poeta até os leitores.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. Volume 1.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Positivo Editora, 2009.
- FOLGUEIRA, Laura.; DESTRI, Luísa. *Eu e não outra: A vida intensa de Hilda Hilst*. São Paulo: Tordesilhas, 2018.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- HILST, Hilda. *Da Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HILST, Hilda. Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão. In: HILST, Hilda. *Da Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.
- PLATÃO. *O banquete*. Tradução de Donaldo Schuler. Porto Alegre: L & PM, 2018.

